

A BATALHA DE KASSERINE Por Reinaldo V. Theodoro



Tripulação de um M3 Lee da 1ª Divisão Blindada em Souk el Arba, Tunísia, 23/11/42. Com seus tanques obsoletos, os americanos sofreram muito nos primeiros combates com os alemães.

O que hoje é conhecido como Batalha do Passo de Kasserine foi, de fato, uma série de violentos combates entre aliados (na maioria, americanos) e o Eixo (na maioria, alemães) na Tunísia. Foi o primeiro confronto em larga escala entre os recém-chegados americanos e os veteranos alemães. E, no julgamento da História, foi uma frágil vitória americana e, ao mesmo tempo, a última vitória da "Raposa do Deserto". As duas afirmativas, porém, são questionáveis.

Antecedentes

A 08/11/42, forças anglo-americanas desembarcaram na África do Norte francesa. Foram três grandes grupos, todos nominalmente sob comando americano. A Força-Tarefa Ocidental era comandada pelo Major-General George S. Patton e desembarcou em Casablanca; a Força-Tarefa Central, comandada pelo Major-General Lloyd Fredenhall, desembarcou em Oran; e a Força-Tarefa Oriental, comandada pelo Major-General Charles W. Ryder, desembarcou em Argel, tendo sob seu comando forças britânicas. Uma vez estabelecidas em terra, as formações inglesas constituíram o 1º Exército Britânico, sob o comando do General Sir Kenneth Anderson. A missão de Anderson era avançar rapidamente até

Túnis, a 800 quilômetros de distância. Feito isso, as forças inimigas na África ficariam presas numa arapuca e isso poria fim à guerra no continente. Enquanto isso, o Exército Panzer Italo-Germânico, sob o comando do Marechal Erwin Rommel, a famosa "Raposa do Deserto", recuava rapidamente desde o Egito e através da Líbia, após a sua derrota e quase aniquilação em El Alamein. Com ele estava o afamado *Deutsche Afrika Korps* (DAK, o Corpo África Alemão). Nos seus calcanhares estava o 8º Exército britânico, sob o comando do Tenente-General Bernard L. Montgomery.

Era praticamente certo que os aliados chegariam a Túnis antes dos alemães em retirada e poderiam contar ainda com o apoio da guarnição francesa, uma vez tendo conseguido trazer os franceses para a causa aliada. Lamentavelmente, nenhum esforço foi feito, no primeiro momento, para impedir o envio de reforços do Eixo para a Tunísia. Considerando que a decisão estratégica correta pelo Eixo seria evacuar o continente, os aliados, cuja ideia da invasão havia sido de uma arriscada aventura e da qual haviam saído com um reconfortante sucesso, certamente davam como praticamente encerrada a campanha norte-africana.

Mas Hitler interveio.

Contrariando toda a lógica militar, ele imediatamente ordenou que a Tunísia fosse ocupada e reforçada. A guarnição francesa pró-Vichy na Tunísia foi facilmente dominada pelos alemães, o que permitiu que eles usassem a seu bel prazer os seus portos e bases aéreas. Durante novembro, os transportes do Eixo desembarcaram em Túnis e Bizerta 176 tanques, 131 peças de artilharia, 1.152 veículos e 13.000 toneladas de suprimentos. Para reforçar as suas unidades já na África, os alemães enviaram 3 divisões novas e os italianos, duas. Entre as forças enviadas estavam a 10ª Divisão Panzer, a Divisão Motorizada *Hermann Goering*, o 5º Regimento Pára-Quedista e as divisões italianas Centauro (blindada) e Superga. Também chegou um batalhão dos novos tanques pesados Tigre (501º). Um serviço de ponte aérea com transportes Junkers Ju 52 estava trazendo soldados da Sicília à razão de quase 1.000 por dia. Um novo corpo foi rapidamente organizado (o 90º) e posto sob o comando do General Walther Nehring, que havia sido anteriormente comandante do *Afrika Korps*.

Três meses antes, uma fração destas forças teria sido suficiente para Rommel atingir o Canal de Suez. Mas agora...



Rommel, a “Raposa do Deserto”.

Para piorar as coisas, o avanço dos aliados para o Oeste foi muito lento. Para começar, choveu muito, transformando todo tipo de terreno num interminável lamaçal. As poucas forças alemãs que enfrentaram inicialmente os aliados mostraram-se mestras em ações de retardamento e contenção, fazendo o melhor uso da topografia montanhosa do país. As tentativas feitas pelos aliados em novembro e dezembro de 1942, antes que as tropas alemãs chegassem em força, fracassaram devido à má coordenação dos aliados, o terreno vantajoso para a defesa e a costumeira eficiência dos alemães.

Do outro lado do mapa, as forças de Rommel chegaram à fronteira da Tunísia, ocupando então uma longa linha de fortificações conhecida como “Linha Mareth”, que os franceses haviam constru-

ído para deter um eventual ataque italiano vindo da Líbia. Com suas linhas de abastecimento protegidas pelas Montanhas Atlas a Oeste e com o flanco apoiado no Golfo de Sidra a Leste, essa posição poderia ser mantida com poucas tropas.

Nesse ínterim, o 90º Corpo foi expandido até tornar-se o 5º Exército Panzer. Para comandá-lo, foi escolhido o Coronel-General Jürgen von Arnim, um típico Junker, misto de aristocrata e soldado prussiano e um hábil comandante de blindados. Ele foi chamado da Rússia, onde estava comandando o 39º Corpo Panzer. Passando pelo Covil do Lobo, QG avançado de Hitler em Rastemburgo, na Prússia Oriental, ouviu do *Führer* seu plano para manter uma “cabeça-de-ponte permanente” na Tunísia. Junto com ele estava o Tenente-General Heinz Ziegler, que atuaria como um subchefe com plenos poderes. Explicaram-lhes ainda que eles estariam sob o comando do *Feldmarschall* Albert Kesselring, o Comandante Sul, e, teoricamente, sob o Comando Supremo italiano, porque a África ainda era, também teoricamente, um teatro de operações italiano. Este detalhe técnico acabaria trazendo complicações intermináveis.



General von Arnim

Assim, com o 5º Exército Panzer consolidando sua posição na Tunísia e com Exército Panzer Ítalo-Germânico na Linha Mareth, a “cabeça-de-ponte permanente” havia sido estabelecida. Contudo, a segurança das Montanhas Atlas já havia sido comprometida: forças aliadas as haviam atravessado e já estavam operando a partir de Faid, de frente para a planície. Era uma situação intolerável para os alemães.

Uma vez detidos na Tunísia, os aliados organizaram sua linha da seguinte forma: o 1º Exército Britânico, de Anderson, ocupou a porção Norte da frente, junto à costa, com o 5º Corpo (General C. W. Allfrey). O centro era ocupado pelo 19º Corpo francês, comandado pelo General Louis Koeltz e composto por tropas veteranas e bem treinadas, mas com praticamente nenhum equipamento

moderno. Ele contava com as Divisões "Argel" e "Constantina".

O Sul era guarnecido pelo 2º Corpo americano, comandado pelo Major-General Lloyd Fredenhall e era composto, basicamente, pela 1ª Divisão Blindada e por elementos da 1ª Divisão de Infantaria (a "Big Red One") e da 34ª Divisão, uma unidade da Guarda Nacional.

Apesar de ser o comandante supremo do teatro, o General Dwight D. Eisenhower não era, de fato, o comandante da frente aliada, já que ele consumia a maior parte de seu tempo resolvendo questões políticas e administrativas. Anderson comandava apenas as tropas britânicas e a recusa obstinada do comandante-chefe francês, General Henri Giraud, em colocar suas tropas sob comando britânico significava que os franceses só aceitariam receber ordens através de comandos franceses. Qualquer movimento de tropas ou fornecimento de material tinha que ser solicitado e negociado. É simplesmente impossível conduzir uma batalha assim¹. Apesar de tudo, em janeiro de 1943, a frente da Tunísia ficou, pelo menos tecnicamente, sob o comando de Anderson.



General Sir Kenneth Anderson

A Tunísia

A Tunísia se estende por cerca de 260 quilômetros de Leste a Oeste e 800 quilômetros de Norte a Sul. Colinas e montanhas no Norte lentamente são aplainadas em direção ao Sul arenoso, chegando ao Deserto do Saara. De modo geral, é uma região com dois nivelamentos em sua topografia: além da planície, até a fronteira, as Montanhas Atlas lançam contrafortes que vão desde a costa Norte até os pântanos salgados do Sul. Estes terminam em duas serras que atravessam o país como dedos. Elas são chamadas de Dorsais Oriental e Ocidental, ao longo das quais, no início de 1943, se estendia a linha aliada. A única maneira de penetrá-las era contornar a extremi-

¹ Anderson chegou a oferecer a sua demissão se isso ajudasse a fazer os franceses mudarem de idéia.

dade Sul do Dorsal, em Gafsa, ou rompê-la através dos passos montanhosos, situados em Pichon, Fondouk, Faid e Maknassy. A Dorsal Ocidental, ou Pequeno Dorsal, é uma serra menor que se junta à serra Oriental no Norte, para depois divergir e culminar a Sudoeste de Thelepte e Feriana, de modo que as cadeias de montanhas formam um grande "Y" invertido. Seus passos ficavam em Maktar, Sbiba, Kasserine e Feriana.

Dessa forma, os aliados possuíam uma importante linha defensiva dupla. Os passos podiam ser bloqueados com forças relativamente pequenas e os atacantes teriam primeiro de penetrar um passo através da Dorsal Oriental e, depois, um da Dorsal Ocidental antes de chegarem aos pontos de abastecimento na retaguarda.

A costa Norte da Tunísia estava sob controle do Eixo, contando, inclusive, com o apoio da aviação baseada na Sicília. O clima seco deixava o terreno firme de março a novembro, ideal para operações mecanizadas e para a construção e operação de aeródromos.

As rotas transitáveis, por rodovia ou ferrovia, cortavam o país de Leste a Oeste, em direção à fronteira argelina. Do porto de Sousse, 120 quilômetros ao Sul de Túnis, uma linha corre para Oeste através de Fondouk el Aouareb; outra se estendia de Sfax por Faid, unindo-se à primeira em Sbeitla para continuar para Oeste através de Kasserine. Uma terceira rota começava em Mahares, 40 quilômetros ao Sul de Sfax, e corria para Oeste através de Maknassy; uma quarta rota começava em Gabes, 96 quilômetros ao Sul de Mahares, e unia-se à terceira em Gafsa. Todas essas rotas tinham que atravessar as Montanhas Atlas, fazendo de cada passo através delas um ponto estratégico de extrema importância.

Os suprimentos levados através da Europa para as forças do Eixo tinham de percorrer um trecho marítimo curto, mas perigoso, indo da Sicília até os portos da Tunísia. Sua principal linha de abastecimento para a frente tinha então apenas 80 quilômetros de extensão.

O porto aliado disponível mais próximo era Bône, na Argélia, e ficava a uns 480 quilômetros de distância da frente. Os únicos outros portos sob controle dos aliados estavam em Argel e Oran, mais distantes ainda. Isto, obviamente, criava sérios problemas de ordem administrativa. E para agravar ainda mais as coisas, havia grande escassez de locomotivas e material rodante, tornando difícil a utilização plena das poucas ferrovias que cruzavam o país. Não havia excedentes de transporte motorizado e a necessidade de reequipar os franceses aumentava ainda mais as dificuldades logísticas.

Excetuando-se um aeródromo em Youks-les-Bains, no Sudeste da Argélia, que tinha a pista de

pouso revestida de aço, todos os aeródromos aliados eram de terra batida, enquanto as pistas de pouso utilizadas pelo Eixo haviam sido revestidas com asfalto.

Ações Preliminares

Assim que chegou à Tunísia, a 21ª Divisão Panzer foi transferida do *Afrika Korps* para o 5º Exército Panzer e Arnim então decidiu usá-la para eliminar a penetração aliada no Passo Faid. Dessa forma, a 30/01/43, a 21ª destroçou a guarnição francesa – valente, mas mal equipada – e repeliu a força americana da 1ª Divisão Blindada enviada para socorrê-la. Após 3 dias de combates, os aliados foram repelidos da borda da planície.

Assim, no início de fevereiro de 1943, a maior parte da Tunísia estava em mãos alemãs e os acessos à planície costeira estavam bloqueados. Pelos próximos dias, os comandantes do Eixo discutiriam qual seria o próximo passo. O Alto Comando, Kesselring, Arnim e Rommel apresentaram diversas propostas.

A 09/02/43, Kesselring foi à Tunísia para se reunir com Arnim e Rommel. A idéia era realizar uma clássica *blitzkrieg* com um grande gancho pelo Sul até atingir a costa, cercando assim as forças francesas e britânicas que estavam diante deles. Foram elaborados planos para um ataque que seria desfechado por Arnim na área de Sidi bou Zid. O ataque, cujo codinome era "Operação *Frühlingwind*" (Brisa de Primavera), deveria ocorrer por volta de 12 a 14 de fevereiro. Rommel, por sua vez, providenciaria um grupo de batalha da 15ª Divisão Panzer para atacar mais ao Sul. A esse plano deu-se o nome de "Operação *Morgensluft*" (Ar Matinal).

No começo de fevereiro, o General Anderson recebeu informações de Londres, obtidas pela ULTRA, de que os alemães estavam planejando um ataque na Tunísia. Anderson, porém, ao avaliar a situação, concluiu, erradamente, que o ataque seria desfechado através de Fondouk, desviando-se em seguida para Noroeste e daí penetraria a retaguarda do 1º Exército britânico. Em consequência disso, Anderson decidiu posicionar o Comando de Combate² "B" da 1ª Divisão Blindada na área de Fondouk.

A 12 de fevereiro, o agora General-de-Exército Eisenhower iniciou uma viagem de inspeção de

² As divisões blindadas americanas tinham uma organização tática flexível, baseada nos "Comandos de Combate", que eram grupos que incluíam blindados, infantaria blindada, artilharia e engenharia. Eram identificados pelas letras A, B e C (ou seja, o Comando de Combate "A" era o "CCA" e assim por diante). Posteriormente, o CCC passou a ser chamado de CCR ("R" de Reserva).

dois dias na frente de batalha e ficou estupefato quando chegou ao QG de Fredendall em Tebesa, a 130 quilômetros de distância do front. Era um intrincado labirinto de corredores e escritórios subterrâneos talhados bem no interior da montanha. Ele comentou mais tarde que "foi a única vez, durante toda a guerra, que eu vi um QG de Corpo tão preocupado com sua própria segurança, que se entrincheirou em abrigos subterrâneos". Mais para a frente, os campos minados ainda não haviam sido preparados, porque, disseram-lhe, as unidades de infantaria "estavam na área havia apenas dois dias". Ele então observou que os alemães levavam duas horas para instalar minas após chegarem a algum lugar.

Não só Fredendall estava a uma grande distância da frente, como ele também nunca visitou sequer suas unidades de vanguarda antes do ataque alemão. Para piorar as coisas, ele nutria uma declarada e recíproca antipatia pelo seu principal comandante de divisão, o General Orlando Ward, da 1ª Divisão Blindada.

Ao chegar de volta ao QG de Fredendall, Eisenhower foi informado do início do ataque alemão. Quaisquer que fossem as providências que ele pretendia tomar para sanar as deficiências encontradas, agora era tarde demais.



Major-General Lloyd Fredendall, comandante do 2º Corpo-de-Exército americano. Além de seus subordinados não terem confiança na sua capacidade, ele era incapaz de delegar autoridade.

Sidi Bou Zid

Um grupo formado pelas 10ª e 21ª Divisões Panzer (ao todo, 143 tanques, incluindo uma dúzia de tanques Tigre), sob o comando do General Ziegler, avançou contra Sidi bou Zid, a 16 quilômetros além de Faid. A marcha começou às 4:00 h e uma tempestade de areia ajudou a ocultar os atacantes.

De ambos os lados da estrada que liga Faid a Sidi bou Zid erguem-se o Djebel³ Lessouda e o Djebel Ksaira. Essas posições eram muito distantes entre si, o que impedia o apoio mútuo e, além disso, podiam ser facilmente cercadas.

A 10ª Divisão Panzer, tendo uma companhia de Tigres anexada a ela, ultrapassou Djebel Lessouda no Norte e então se dividiu em dois grupos: um avançou através do Passo de Faid e o outro seguiu para Sbeitla. O primeiro grupo logo engajou elementos do CCA (40 tanques e uns 12 *tank destroyers*, apoiados por dois batalhões de artilharia), enquanto o outro encontrou uma força de M3 Stuarts e infantaria que vinha de Sbeitla. Essa força estabeleceu uma linha protetora na encruzilhada a Noroeste de Sidi Bou Zid, conseguindo deter os alemães.



Tigres na Tunísia. A sua presença no campo de batalha constituía para os alemães uma vantagem técnica insuperável.

Ao Sul, um grupo de blindados da 21ª Divisão Panzer emergiu do Passo Maizilla, ao Sul do Djebel Ksaira. Em seguida, bifurcou-se em duas pontas, uma na direção de Bir El Hafey e a outra para o rumo Norte de Djebel Ksaira. O grupo de Bir El Hafey então pivotou para Nordeste na direção de Sidi Bou Zid, enquanto a coluna do Norte cortou as comunicações das forças aliadas em Djebel Ksaira e girou para Oeste também para Sidi Bou Zid. Logo ficou evidente às tropas americanas ali que elas teriam que recuar. Os sobreviventes do CCA combateram então uma ação de retaguarda para cobrir a retirada.

Com mais de 200 tanques de ambos os lados, uma grande batalha de blindados se feriu no local. Porém, os americanos estavam por demais espalhados e os veteranos alemães acabaram se impondo. Pelas 15:00 h, elementos da 10ª Divisão entraram em Sidi Bou Zid e, pelo fim do dia, o campo de batalha estava inteiramente em poder das forças do Eixo.

³ Nome árabe para Montanha.

No ar, a Luftwaffe realizou inúmeros ataques, com Junkers Ju 87 Stukas e Fockers Fw 190 bombardeando e metralhando impunemente as linhas americanas. Embora os aviões aliados fizessem quase 400 surtidas, não foram suficientes para impedir que os aparelhos alemães atacassem as posições de terra ou evitar que aviões de reconhecimento inimigos observassem os movimentos dos americanos. Apesar de toda a decantada superioridade aérea aliada, raramente os soldados americanos viam um avião amigo. Durante toda a ação, os comandantes americanos locais solicitavam por rádio permissão para realizar um contra-ataque ou barragem de artilharia, frequentemente recebendo a respectiva autorização depois que as linhas previstas já haviam sido ultrapassadas pelo inimigo. Uma por uma, as baterias de artilharia foram alcançadas pelos panzers, porque, ignorando a rapidez do avanço inimigo, esperavam demais para iniciar a retirada de seus canhões.

Durante horas os informes dos combates no Sul chegaram ao QG do 1º Exército, mas o seu Estado-Maior estava de tal modo convencido de que o ataque principal viria de Fondouk que subestimou os informes vindos dos “novatos” americanos.

Chegara o momento da contagem. Os americanos haviam perdido 46 tanques, 59 meia-lagartas, 26 peças de artilharia e uns 20 caminhões. As baixas em pessoal totalizavam 6 mortos, 22 feridos e 134 desaparecidos.

No dia seguinte, os alemães avançaram na direção de Sbeitla e se depararam com um contra-ataque feito pelo CCC da 1ª Divisão Blindada destinado a resgatar as guarnições isoladas. Porém, os alemães camuflaram baterias antitanques na estrada e emboscaram os americanos. Em poucos minutos, toda a área estava repleta de destroços enegrecidos e fumegantes. Ziegler planejava sua defesa com precisão cirúrgica.

À tarde, a derrota aliada era total. Em apenas dois dias de combate, os americanos haviam perdido 98 tanques, 10 *tank destroyers*, 57 meia-lagartas, 16 canhões de campanha autopropulsados e 29 peças de artilharia. Entre os destroços estavam os novos tanques M4A1 Sherman do 2º Batalhão do 1º Regimento Blindado (na ocasião, um dos poucos batalhões totalmente equipados com o Sherman). Além disso, teve cerca de 2.500 baixas, incluindo mais de 1.500 prisioneiros que agora seguiam a pé para Túnis. Os CCA e CCC da 1ª Divisão Blindada haviam sido destruídos.

Enquanto tudo isso acontecia, as guarnições americanas isoladas nos djebels lutavam pela própria sobrevivência. Havia elementos do CCA e do 168º Regimento de Infantaria (parte da 34ª Divisão) alojados nos Djebels Lessouda e Ksaira. Em Lessouda, a infantaria alemã iniciou os traba-

lhos de limpeza no dia 15/02/43 e uma patrulha guiada por árabes conseguiu capturar o comandante da guarnição. Ao anoitecer desse dia, um avião aliado lançou uma mensagem para os sitiados, ordenando que se retirassem. Naquela noite, eles deixaram Lessouda pelo Sudoeste, atravessando território ocupado pelo inimigo. Infelizmente, foram localizados pelos alemães e uma intensa fuzilaria com metralhadoras, morteiros e artilharia rompeu o silêncio da noite. Ao longo do dia 16/02/43, pequenos grupos de sobreviventes alcançaram as linhas americanas. No total, quase 300 homens chegaram a lugar seguro.



M4A1 do 3º Batalhão, 1º Regimento Blindado, destruído por canhões de 88 mm em Sidi bou Zid durante a batalha de 14-15/02/43.

Em Ksaira havia cerca de 1.600 homens (incluindo os músicos da banda do regimento). Ao amanhecer de 15/02/43, os alemães realizaram um ataque de infantaria precedido de bombardeio de artilharia. Um grupo de uns 200 alemães foi repellido pelo fogo de fuzis disparados pelos engenheiros e pelos músicos. Durante a tarde, o contato radiofônico com a retaguarda foi restabelecido e eles receberam ordens de recuar – embora sem dizer para onde.

Na mesma noite, cerca de 300 alemães começaram a ocupar os sopés das encostas do Ksaira e foram alvo de intenso fogo de morteiro.

A fuga precisaria ser feita em duas etapas, com um período de descanso, pois os soldados deveriam manter-se escondidos durante o dia. De início, tudo saiu de acordo com os planos. Porém, surgiu um carro de reconhecimento alemão e um dos americanos lançou uma granada de mão dentro do veículo, incendiando-o.

Embora os homens estivessem divididos em unidades pequenas, um grupo tão grande como esse dificilmente escaparia à detecção inimiga. Os alemães interceptaram os retirantes e abriram fogo com armas automáticas, dispersando os americanos. Os remanescentes foram reunidos num círculo de defesa no melhor estilo “faroeste”,

o qual só foi vencido quando os alemães trouxeram tanques Tigre. Pelo final do dia 16/02/43, a força fora dominada (apenas um homem conseguiu escapar para as suas próprias linhas, o Tenente-Coronel Gerald Line). Um outro grupo só conseguiu chegar às linhas americanas a 20/02/43, se bem que estivesse reduzido a um punhado de sobreviventes sedentos, famintos e debilitados.

As perdas totais do 168º Regimento de Infantaria, que apenas 15 dias antes pudera contar com seus efetivos nominais completos, foram de 139 oficiais (dos 189 originais) e cerca de 2.700 soldados (de 3.700). Dos 40 oficiais do 3º Batalhão, restava apenas um.

Sbeitla

Na manhã de 16/02/43, Anderson ordenou que o 2º Corpo suspendesse o contra-ataque na área de Sidi bou Zid e que mantivesse a defesa da linha que ia de Sbeitla até Kasserine e daí para Feriana. No mesmo dia, o restante do CCB deveria passar ao comando do 2º Corpo.

Uma nova diretiva também chegou do Comando Supremo: agora Arnim deveria explorar o sucesso obtido em Sidi bou Zid até onde pudesse. Cômico da escassez de suprimentos que atormentava suas tropas, Arnim respondeu que, em vista da situação logística, ele tomaria Sbeitla com a 21ª Divisão Panzer enquanto a 10ª se dirigiria para Fondouk. Isto era o máximo que ele podia fazer.

Os panzers então retomaram seu avanço para Oeste, atingindo Sbeitla, 40 quilômetros além de Sidi Bou Zid. O ataque começou na tarde de 16/02/43 e, embora os alemães avançassem cautelosamente, caíram numa emboscada americana e perderam 8 tanques. Nesse dia, os americanos realizaram uma magnífica ação de combate em retirada – mas ainda era uma retirada.

Enquanto isso, o CCB (pela primeira vez, desde a "Operação Tocha", lutando como uma unidade coesa) deveria dar cobertura ao lado Sul da estrada Faid-Sbeitla. O CCA, na sua retirada, tomou posição para guardar o lado Norte.

Durante a noite, os alemães atacaram as posições do CCA, forçando seu comandante, Brigadeiro-General Raymond E. McQuillin, a se retirar. A partida do líder fez o moral das tropas, que vinham então de contínuas e desastrosas derrotas, despencar. E quando se ouviram explosões dos depósitos em Sbeitla, todos concluíram que a batalha já estava perdida antes de ter começado. O comando do 2º Corpo, mais uma vez, não confiara na capacidade dos seus homens de defender uma linha e ordenara aos engenheiros mandar os depósitos pelos ares.

Logo surgiu o boato de que os alemães já esta-

vam em Sbeitla. Foi a gota d'água! Os homens que defendiam os acessos à cidade começaram a recuar da linha. Em pouco tempo, os veículos em retirada, de pára-choques colados uns aos outros, achavam-se bloqueando a estrada. E se não fosse esse engarrafamento, tudo poderia ter se transformado numa debandada geral.

Mas oficiais americanos, de arma em punho, postaram-se nos cruzamentos da estrada e mandaram todos de volta. Mais ou menos nessa ocasião, Anderson foi informado de que Rommel avançava sobre Feriana e assim concordou com a retirada para Kasserine e Tebessa, exceto o CCB, que deveria ficar nos arredores de Sbeitla até receber ordens explícitas para se retirar.

Assim, os aliados acabaram sacrificando seus aeródromos de Feriana e de Thelepte. Os sinais de pânico foram abafados e os homens do CCB permaneceram firmes em suas posições. Eles haviam experimentado camuflagens, cobrindo seus tanques com barro molhado, e os resultados haviam sido tão satisfatórios que os blindados agora se fundiam de tal maneira com o terreno que o inimigo só podia distingui-los quando já estava na mira deles.

Porém, sem que os defensores de Sbeitla soubessem, Ziegler ainda não estava pronto para desfechar o seu ataque, pois havia sido desviado para outro objetivo tentador. Anderson havia autorizado Koeltz a retirar suas unidades do Dorsal Oriental e encaminhá-las para Sbiba, no Dorsal Ocidental. Quando recebeu informações desse movimento, Ziegler mandou a 10ª Panzer para o Norte para interceptá-las. Os franceses, porém, realizaram uma retirada rápida e em ordem e os alemães viram-se, então, desperdiçando seu valioso tempo (e combustível) procurando por uma presa que já lhes havia escapado. Ainda assim, a 10ª investiu Pichon. No dia 17, chegou o 47º Regimento de Infantaria, que também foi lançado contra Pichon.

Mas a trégua para os defensores de Sbeitla chegou ao fim ao meio-dia de 17/02/43. Após reagrupar suas forças, Ziegler atacou.

Os americanos – ocultos pela engenhosa camuflagem que haviam criado – mantiveram-se quietos até que os panzers se aproximaram o suficiente e então abriram fogo. Os alemães, surpreendidos por essa resistência decidida e inesperada, pararam. Porém, logo voltaram a se aproximar, desta vez com mais cautela, “farejando” os americanos.

A luta grassou por toda a tarde e, aos poucos, os americanos tiveram que ceder terreno. Ao mesmo tempo, uma retirada confusa acontecia em Sbeitla. As estradas estavam apinhadas de todo tipo de veículos e, contra esse alvo apetitoso, Stukas e Focke-Wulfs atacaram com fúria.

O CCA penou para passar por essa confusão toda para chegar a Sbiba e, mesmo sob ataque aéreo, ao anoitecer ele havia ocupado uma nova linha que cobria a estrada e dado a outras unidades a chance de estabelecer novas posições.

As 17:00 h, os alemães entraram em Sbeitla e aí descobriram que os sapadores americanos haviam destruído tudo que puderam: o aqueduto (cuja construção datava do tempo do Império Romano), os encanamentos de água e todas as pontes (inclusive uma que foi pelos ares antes que os franceses retirassem 10 locomotivas e diversos vagões, o que levou Giraud a queixar-se com Eisenhower).

As baixas no 2º Corpo já somavam 2.546 desaparecidos, 103 tanques, 280 veículos de todos os tipos (incluindo meia-lagartas e *tank destroyers*), 18 canhões de campanha, 3 canhões antitanques e uma bateria AA inteira. Mesmo as unidades de serviço e de saúde foram alcançadas pelos panzers. A contagem das perdas incluiu ainda 9 binóculos e 40 relógios de pulso.

Houve também a perda dos aeródromos avançados de Feriana e Thelepte. No espaço de apenas quatro dias, as forças do Eixo haviam expulsado os aliados para o Dorsal Ocidental, ocuparam Faid, Gafsa, Sidi bou Zid, Feriana, Thelepte e, agora, Sbeitla.

Porém, a “Operação Vento da Primavera” chegara ao fim. Na noite de 16 para 17, mudanças de planos ocorreram e o grupo de batalha formado pelas 10ª e 21ª divisões foi dissolvido.

O Grupo de Assalto *Afrika Korps*

O ataque de Rommel que seria desfechado por Gafsa contaria com o apoio da 21ª Divisão Panzer. Portanto, assim que soube da notícia do sucesso de Arnim a 15/02/43, Rommel deu ordens para que a “Operação *Morgenluft*” começasse no dia seguinte.

A ponta-de-lança desta seria um grupo de batalha (*kampfgruppe*) batizado de “Grupo de Assalto *Afrika Korps*”, sob o comando do General Freiherr Kurt von Liebenstein, que foi substituído, após ser ferido no dia 17, pelo Tenente-General Karl Bülowius, Chefe de Engenharia de Rommel. Era uma típica formação *ad hock* desse período, formada pelo 8º Regimento Panzer (53 tanques), 17º Batalhão de Tanques (com 23 tanques M14/41), 14º Batalhão do 5º Regimento de Bersaglieri (ambos da divisão blindada Centauro), 5º e 12º Batalhões de Bersaglieri do 7º Regimento, 204º Batalhão de Artilharia, 52º Grupo de Canhões de Assalto, 132º Regimento de Infantaria antitanques (remanescentes das divisões Ariete, Littorio e Trieste), um grupo igualmente improvisado de artilharia e uma bateria do 557º Grupo de Canhões de Assalto.



Os Bersaglieri eram a força de elite da infantaria italiana e uma das poucas tropas italianas em que Rommel confiava.

Sem esperar pela chegada da 21ª Panzer, o Grupo de Assalto *Afrika Korps* avançou para Gafsa e ali encontrou uma cidade deserta. Durante toda a noite de 14/15 de fevereiro, uma multidão de soldados franceses e americanos e quase toda a população (franceses e árabes) com seu gado e seus cavalos, deixaram a cidade rumo a Feriana, enquanto sapadores do exército americano destruíam instalações e pontes. Naquela noite, os alemães entraram em Gafsa e, em seguida, enviaram grupos de reconhecimento para Feriana. Ao saber da queda de Gafsa, Arnim e Ziegler resolveram cancelar o envio da 21ª Panzer (como ela deveria ter sido usada para ajudar na tomada da cidade, concluiu-se que ela não era mais necessária ali).

Com Gafsa em suas mãos, o próximo passo de Rommel deveria ser avançar para Feriana. Ele, porém, concluiu que seria mais importante priorizar o avanço na direção de Sbeitla e Kasserine.

No dia 16/02/43, enquanto o 5º Exército Panzer completava o trabalho de limpeza em torno de Sidi bou Zid, Rommel decidiu desfechar seu ataque contra Feriana no dia 17, desde que se evitassem combates nos quais não pudesse se desvencilhar rapidamente caso fosse necessário.

Liebenstein, com elementos das divisões Centauro italiana e 164ª alemã, capturou Feriana e prosseguiu até os dois aeródromos de Thelepte, onde 18 aviões impossibilitados de voar haviam sido incendiados, bem como 227.100 litros de gasolina de aviação.

O Eixo Numa Encruzilhada

Uma vez conquistada Sbeitla, novas possibilidades se abriam ao Eixo. A estrada que levava a Tebessa, ponto estratégico vital para os aliados, abria-se agora à sua frente. Entre ela e os alemães estava o Dorsal Ocidental e seus passos.

Os americanos haviam enfrentado os alemães com o que eles tinham de melhor e haviam sido

derrotados. Estavam desmoralizados e em franca retirada e não pareciam estar em condições de se sair melhor num futuro próximo. O próprio Rommel foi muito crítico com relação ao equipamento e à habilidade guerreira dos americanos. Naquele momento, Tebessa parecia um fruto maduro pronto para ser colhido - mas e depois?

Rommel vislumbrara a oportunidade de manter seu batido adversário em desequilíbrio, visando a um prêmio muito maior: atingir a retaguarda aliada na Argélia. Ele pretendia chegar a Tebessa e, de lá, atingir Bône, na costa, na retaguarda do 1º Exército britânico, destruindo a frente aliada na Tunísia. Arnim não concordava com esse plano, por considerar seus efetivos insuficientes, o terreno muito favorável à defesa (região predominantemente montanhosa) e sua linha de suprimentos longa e frágil. Além disso, Arnim considerava terminada a sua tarefa. Ele jamais encarara a ofensiva como algo mais que uma operação de consolidação da cabeça-de-ponte norte-africana e um auxílio ao flanco da Linha Mareth. Assim, Arnim concentrou suas forças em Sbeitla e ordenou à 10ª Panzer que defendesse os passos de Pichon e Fondouk.

Assim, no momento mais favorável para o prosseguimento de uma grande ofensiva, os alemães simplesmente passaram para a defensiva. Rommel certamente deve ter arrancado os cabelos.

Rommel estava convencido de que Tebessa era o objetivo principal de toda a ofensiva. A captura dessa cidade, eliminando o pivô da linha aliada, certamente desequilibraria de vez os aliados. Um ataque desfechado para além de Tebessa obrigaria os aliados a recuar suas forças para a Argélia, forçando desse modo um grande prolongamento da campanha da Tunísia, o que por sua vez manteria os aliados longe da Itália – o que, em última análise, é a única explicação razoável para justificar a existência da própria cabeça-de-ponte norte-africana.

Mas, para isso, ele deveria atacar imediatamente com todas as forças disponíveis para esmagar qualquer resistência e chegar rápido a campo aberto. A ofensiva para o Norte teria de ser levada bem longe atrás da frente aliada para impedir que eles bloqueassem os passos e detivessem o avanço alemão. Rommel acreditava que a tomada dos passos e de pontos estratégicos das estradas lhe permitiria resistir a qualquer ataque pelos flancos. No dia 18/02/43, o reconhecimento aéreo alemão informou que os aliados estavam recuando, o que confirmava a sua apreciação da situação.

Porém, para a ação que se propunha, ele precisava com urgência dos Tigres de Arnim e este, ainda visando suas próprias operações no Norte, não quis abrir mão dos seus tanques.

Por fim, Rommel decidiu passar por cima de Arnim e recorrer ao Comando Supremo, contando com o apoio de Kesselring. À 1:30 h de 19/02/43, o Comando Supremo afinal respondeu. O que Rommel solicitara agora lhe era oferecido como plano do próprio Alto Comando italiano. Este dizia que a má qualidade de combate do inimigo oferecia aos exércitos do Eixo na Tunísia uma oportunidade de ouro para explorar para o Norte. Rommel recebeu o comando-geral das forças que incluíam seu próprio grupo de batalha e as 10ª e 21ª Divisões Panzer.

Atendendo à solicitação de Rommel, o Comando Supremo alterou toda a estrutura de comando na África do Norte. O Exército Panzer ítalo-germânico, então defendendo a Linha Mareth, foi rebatizado como 1º Exército italiano e passou para o comando do General Giovanni Messe, embora Rommel conservasse em seu poder o comando-geral.



Frente da Tunísia e o plano de Rommel.

Havia, no entanto, uma grave falha na nova organização: Arnim não foi subordinado a Rommel. Tendo em mãos uma excelente oportunidade de dar um fim ao conflito existente entre os dois generais, o Comando Supremo não a aproveitara. Rommel foi mantido numa posição que ainda o

obrigava a depender da difícil cooperação do seu colega de comando.

Além disso, as ordens emanadas de Roma traziam uma ambigüidade imprevista: Rommel agora deveria avançar através do eixo Sbeitla-Tebessa-Maktar-Tedjerouine, tendo Le Kef como seu primeiro objetivo. Levando em consideração que o eixo proposto se dirige, em linhas gerais, para Oeste e Noroeste e que Le Kef fica bem distante, ao Norte, a ordem do Comando Supremo soava como mandar alguém ir do Rio de Janeiro para São Paulo passando por Salvador!

Rommel não gostou nada disso, pois o que parecia claro era que o primeiro objetivo seria Le Kef e não Tebessa. Isto significava que o ataque teria de ser feito para o Norte, atingindo a retaguarda do 1º Exército britânico, perto demais da frente, o que facilitaria a concentração de fortes reservas inimigas.

Arnim, por sua vez, também recebeu ordens. Ele se manteria atacando ao longo de ampla frente no Norte, enquanto pára-quadristas seriam lançados em Le Kef. Se tudo corresse bem e se Rommel ultrapassasse Le Kef indo em seguida para a costa Norte, Arnim faria desembarcar uma força marítima a fim de atingir os aliados que estavam perto da fronteira argelina. A ordem prosseguia contendo promessas incríveis: seriam enviadas maiores quantidades de tropas e de suprimentos e as rotas marítimas e aéreas estariam inteiramente à disposição deles.

Para qualquer um, tudo isso soava como absolutamente fantástico. Porém, mantendo-se no mundo real, Rommel tomou suas decisões. Para atingir Le Kef, partindo de Sbeitla, Rommel teria de penetrar num dos dois passos através do Dorsal Ocidental (Kasserine ou Sbiba) e ele decidiu tentar ambos os itinerários.

Sem perda de tempo, solicitou a Arnim que lhe mandasse as unidades blindadas que o Comando Supremo colocara sob seu controle. Arnim recusou, dizendo que os tanques estavam sofrendo manutenção. Dias depois, verificou-se que isso não era verdade, mas, mesmo assim, ele continuou retendo os Tigres.

Diante dessa situação absurda, Kesselring decidiu voar para a Tunísia no mesmo dia, 19/02/43. Primeiro encontrou-se com Arnim, que lhe apresentou um novo plano: atacar Le Kef, partindo de Sbeitla e Pichon, com as 10ª e 21ª Divisões Panzer. Obviamente, agora era tarde demais para se pensar em mudança geral de planos. Kesselring rejeitou tais propostas e saiu com a impressão de que a verdadeira intenção de Arnim era conservar os blindados em seu poder.

O Grupo de Assalto *Afrika Korps* atacaria o Passo de Kasserine, enquanto a 21ª Divisão Panzer deveria avançar por Sbiba e sobre Ksour, a 40

quilômetros mais ao Norte. A 10ª Divisão Panzer concentrar-se-ia em Sbeitla e se prepararia para explorar o sucesso alcançado pela 21ª Divisão ou pelo Grupo *Afrika Korps*.

Os Aliados Se Preparam

Na noite de 18/19 de fevereiro, a 1ª Divisão Blindada tomou posição para proteger Tebessa. Após o anoitecer, o CCB, tendo travado com êxito uma ação de retardamento, retirou-se de Sbeitla. As suas perdas foram de 16 homens, 9 tanques e 2 meia-lagartas e a retirada se fez de forma organizada. Ao mesmo tempo, Anderson despachou a 6ª Divisão Blindada britânica para o Sul.

A estrutura de comando aliada, que nunca fora muito bem definida, estava agora mais confusa que nunca. A 19/02/43, Sbiba achava-se, tecnicamente, no setor do 19º Corpo francês, mas nessa região encontrava-se a 6ª Divisão Blindada britânica, sob controle direto de Anderson. Também ali estavam a 1ª Brigada de Guardas, o 18º Regimento de Infantaria (da "Big Red One"), 3 batalhões de infantaria da 34ª Divisão americana, o 16º/5º de Lanceiros, o 2º de Hampshires, 3 batalhões de artilharia de campanha americanos, partes dos 72º e 93º Regimentos Antitanques britânicos e alguns destacamentos franceses.

Em Thala, a meio caminho entre Sbiba e Kasserine, Anderson estacionara a 26ª Brigada Blindada, do Brigadeiro Charles A. L. Dunphie, pronta para se deslocar para onde fosse mais necessária. Enquanto a 6ª Divisão Blindada britânica e a 34ª Divisão de Infantaria americana tomavam seus lugares na linha, o CCA foi retirado e mandado para Tebessa.

Ali, os franceses estavam organizando uma linha defensiva usando os remanescentes da divisão "Constantina". Esta foi reforçada pelo 1º Batalhão de Rangers americano, um batalhão de infantaria e por homens do 1º Derbyshire Yeomanry.

A linha, embora improvisada e confusa, não deixava de ser uma linha. A simples existência dela dava razão a Rommel ao querer urgência, pois se ele tivesse podido atacar no dia 18, certamente ela não existiria. E, pior ainda, estava robustecendo-se dia a dia.

E um novo acontecimento marcou a ocasião: a chegada do novo comandante das forças aliadas, o General Sir Harold Alexander. Era a hora certa para isso, pois o que os aliados mais precisavam nesse momento era de alguém com experiência, capacidade estratégica e reputação igual, pelo menos, à de Rommel. Harold Alexander era esse homem.

Assim, instalou-se um novo QG comandado por Alexander e que foi chamado de 18º Grupo-de-

Exércitos⁴. Ele comandaria todas as forças aliadas engajadas na Tunísia, incluindo o 8º Exército de Montgomery, ainda chegando a Mareth.

Suas ordens foram sucintas e incisivas. O Dorsal Ocidental seria defendido. Não haveria retirada em Sbiba nem em Kasserine.

Avaliando a situação da frente Sul, Alexander concluiu que os alemães fariam, de Sbeitla, uma conversão à direita na direção de Sbiba e depois de Thala, logo atrás do Dorsal Ocidental e na junção entre os 19º e 2º Corpos. Foi em torno de Thala, portanto, que Anderson começou a reunir suas forças para organizar a defesa principal.



General Sir Harold Alexander

Sbiba

Às 9:00 h de 19/02/43, a 21ª Divisão Panzer, do Coronel Hans-Georg Hildebrandt, já estava a caminho para atacar Sbiba. Porém, devido às péssimas condições do terreno após fortes chuvas, somente ao meio-dia é que ela chegou aos acessos da cidade. Foi aberto um caminho pelo campo minado (que parecia ser pouco mais que uma estreita faixa) e iniciou-se um bombardeio de artilharia, com o avanço ocorrendo sob a sua proteção. Agora, porém, ela via o caminho barrado por outro campo minado que não só era maior como também estava sob a cobertura da artilharia aliada.

A 1ª Brigada de Guardas se entrincheirou no lado Oeste da estrada Sbeitla-Sbiba, enquanto o 18º RI americano, anexado a ela, ficava em posições mais expostas no lado Leste da estrada. No primeiro assalto, os americanos repeliram os *panzergrenadiere* da 21ª.

Os alemães começaram a procurar pontos fracos na linha. Um grupo de tanques e alguns soldados

⁴ O número "18" surgiu simplesmente da união do "1" do 1º Exército e do "8" do 8º Exército, ambos britânicos.

de infantaria desviaram-se para Leste e ali encontraram a 34ª Divisão americana. Um destacamento de blindados do 16º/5º de Lanceiros contra-atacou e foi rechaçado, perdendo 4 tanques.

Os alemães então trouxeram seus obuseiros e iniciaram um pesado bombardeio preparatório. Rommel chegou durante o ataque e observou a decidida defesa em Sbiba. Ele instou Hildebrandt a avançar numa frente estreita visando conseguir uma penetração rápida.

Porém, o 2º Batalhão do Coldstream Guards (1ª Brigada de Guardas) e a sua artilharia estavam a postos. Com os alvos já escolhidos com antecedência, os canhões ingleses lançaram um bombardeio violento e preciso sobre os atacantes. Em pouco tempo, 12 tanques foram destruídos e Rommel concordou com Hildebrandt quando este cancelou o ataque. Os alemães abandonaram tanques e outros veículos que haviam atolado na lama e recuaram para um perímetro defensivo a uns 11 quilômetros ao Sul de Sbiba.

O primeiro ataque do Eixo havia falhado.

Anoiteceu e, sob a proteção da escuridão, os defensores instalaram mais minas e arame farpado nas suas posições. Eles estavam certos de que haveria outro ataque.

Mas Rommel mudara de idéia. A robustez da defesa em Sbiba convencera-o de que a continuação do ataque ali poderia resultar, na melhor das hipóteses, numa vitória cara e, dificilmente, na penetração fulminante de que ele tanto necessitava. Além disso, as defesas aliadas, continuamente reforçadas, agora eram mantidas pelos britânicos, por quem ele tinha muito mais respeito que pelos americanos ou franceses. Por outro lado, diante de Kasserine, o General Bülowius estava confiante de seu sucesso em breve. Assim, no início da noite, Rommel ordenou à 10ª Divisão Panzer que rumasse para Kasserine, enquanto determinava a Bülowius que continuasse o ataque no dia seguinte.

Kasserine

A aldeia de Kasserine, cujo nome é dado também ao desfiladeiro de 3 quilômetros que atravessa o Dorsal Ocidental, fica numa estrada situada a uns 30 quilômetros a partir de Sbeitla. O acesso que sai da aldeia até o passo sobe gradualmente até chegar a uma abertura estreita e espremida entre duas montanhas, Djebel Chambi, à esquerda, e Djebel Semmama, à direita. Uma rodovia passa entre elas. Este é o Passo de Kasserine.

Passando pelo Dorsal Ocidental, a estrada chega a Bled Foussana, uma larga bacia em forma de triângulo dominada por colinas cobertas de árvores. Ela é cortada pelo rio Hatab, que também cruza o passo. Em torno da bacia encontram-se

pequenas fazendas e algumas casas. Mas a imagem predominante é de uma região árida, cheia de pedras e cactos. Todavia, chuvas fortes haviam transbordado os rios e o terreno próximo estava tão lamacento que até mesmo os veículos de lagarta enfrentavam dificuldades ao saírem das estradas.

Os preparativos para sua defesa já se haviam iniciado a 16/02/43. Fredendall solicitou e recebeu todas as minas terrestres da África do Norte e cerca de 20.000 delas foram reunidas e levadas de avião para a base aérea de Youks-les-Bains, a mais avançada de que os aliados dispunham, de onde foram transportadas por caminhão. Instalaram-se 3.000 delas ao longo da estrada, desde a aldeia de Kasserine até o passo, porém, lamentavelmente, a maior parte delas acabou ficando mesmo largada sobre o terreno.

O 19º Regimento de Engenharia de Combate, que estava encarregado da instalação dos campos minados, acabou incumbido de prover a primeira defesa do passo. Ele deveria ocupar uma linha no leito do rio Hatab, a Leste de Kasserine, na estrada de Sbeitla. Ali, os engenheiros deveriam dar cobertura à retirada da 1ª Divisão Blindada pelo passo para, em seguida, eles próprios se retirarem pelo mesmo caminho. Ao amanhecer de 18/02/43, eles recuaram para além do estreito, com seus efetivos aumentados agora pela chegada do 1º Batalhão do 26º Regimento de Infantaria (parte da "Big Red One").

A força de cerca de 2.000 homens formou uma linha de 5 quilômetros dentro da bacia de Fousana, cruzando a estrada de Thala. Mais atrás estava o 894º Batalhão de *Tank Destroyers*, além de 8 Shermans. Havia ainda elementos franceses da divisão "Constantina", duas baterias de obuseiros de 105 mm do 33º Batalhão de Artilharia e uma bateria de canhões de campanha franceses de 75 mm puxados a cavalo⁵. Todavia, essa força ainda era visivelmente insuficiente para o tipo de ataque que estava por vir.

Fredendall, no entanto, não ficara parado. Ele concluíra que uma tempestade de fogo cairia em breve sobre Kasserine e compreendeu que seria necessário um líder com experiência de combate. O escolhido foi o Coronel Alexander Stark⁶, comandante do 26º Regimento de Infantaria, cujos subordinados chamavam afetuosamente de "Old Stark". Ele recebeu a missão quase impossível de organizar a defesa do Passo de Kasserine com

⁵ Este era o bom (e velho) *Modèle* 1897, que fizera muito sucesso na 1ª Guerra Mundial. Isto bem demonstra o estado de aparelhamento das forças armadas francesas na África do Norte naquela ocasião.

⁶ Algumas fontes mencionam Robert Stark, mas isso é incorreto.

as tropas já no local e as que pudessem ser enviadas como reforço. Stark assumiu o comando do que ficaria conhecido como “Força-Tarefa Stark” ao amanhecer do dia 19. Logo ao chegar, Stark compreendeu que as forças no local eram absolutamente insuficientes. Para piorar as coisas, o rio Hatab contribuía para dividir a defesa em duas. Mas agora não havia mais nada a fazer, pois os alemães haviam chegado.

Bülowius começou a batalha enviando um batalhão da infantaria através do passo. Imediatamente, os obuseiros americanos abriram fogo e forçaram os alemães a se abrigar nas encostas das duas colinas. Pequenos grupos de alemães começaram a penetrar a base do passo e um grupo maior começou a escalar o Djebel Semmama, à direita.

Quando soldados franceses expulsos do Djebel Chambi e do Djebel Semmama informaram que os alemães procuravam galgar as encostas, Stark compreendeu a seriedade da situação e comunicou o fato a Fredendall. Informado disso, Anderson pediu a Koeltz que transferisse o 16º Regimento (parte da “Big Red One”) para o 2º Corpo, com o restante da divisão devendo seguir mais tarde. À tarde, chegou o 3º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria Blindada (parte da 1ª Divisão Blindada) e Stark mandou-o defender as colinas que barravam a estrada para Thala. Também chegou uma unidade britânica de morteiros.

Mais ou menos ao mesmo tempo, Bülowius declarava a Rommel que teria o passo em suas mãos ao anoitecer. Para cumprir essa promessa, Bülowius começou um ataque mais violento às 15:30 h. A infantaria atacante e os tanques italianos, sob a proteção da artilharia, conseguiram chegar aos campos minados, mas aí foram detidos. Então, a artilharia, as metralhadoras e as armas portáteis americanas abriram fogo com efeitos devastadores.

Mais para Oeste, outro grupo encontrara os engenheiros americanos que, tendo superado o nervosismo inicial, resistiram com galhardia (estes homens, além de não terem nenhuma experiência de combate, não haviam sequer terminado o treinamento de fuzileiros antes de embarcar nos EUA). Nos primeiros minutos do ataque, 5 tanques alemães foram destruídos e durante a luta houve grandes dificuldades causadas pela lama. Este foi o primeiro sinal de que a tomada do passo seria mais difícil do que os alemães imaginavam.

Durante todo o dia, Dunphie permanecera em Thala, esperando para saber se sua força entraria em ação em Sbiba ou em Kasserine. Pelo entardecer, ele começou a sentir que o rumor da batalha vindo da área de Kasserine parecia indicar o lugar onde mais se precisava de ajuda e foi ao

QG de Stark para verificar pessoalmente.

Stark estava muito confiante, mas Dunphie tinha consciência de que as forças que defendiam o passo eram inadequadas, levando-se em conta o poderio empenhado pelos alemães, além de ter sérios problemas de comunicação com as unidades na frente.

Ao voltar para Thala, Dunphie telefonou para o 1º Exército e solicitou permissão para enviar sua força para Kasserine. No QG do 1º Exército, ainda se pensava que o esforço principal do Eixo seria feito em Sbiba. Por fim, o Brigadeiro McNabb, chefe do Estado-Maior de Anderson, decidiu ir a Thala para ver as coisas pessoalmente, lá chegando num momento de calma na batalha. Nestas circunstâncias, Stark achava que tinha forças suficientes e a situação parecia estar, minimamente, sob controle. McNabb decidiu que a 26ª Brigada deveria permanecer onde estava.

Todavia, por insistência de Dunphie, um destacamento composto por um batalhão de infantaria (10º Rifle Brigade), 11 tanques (7 Valentines e 4 Crusaders), uma bateria de canhões autopropulsados e elementos do 93º Regimento AT foi despachado de Thala ao entardecer. Esta força era comandada pelo Tenente-Coronel Gore, da 10ª Brigada de Fuzileiros, e recebeu o pomposo título de “Força Gore”.

Já anoitecia e Bülowius ainda não tomara o Passo. À medida que a noite avançava, ele foi enviando pequenas forças para se infiltrarem pelas encostas.

Noite alta e com o passo ainda em mãos aliadas, Bülowius mandou que as patrulhas mantivessem contato e avançou sua infantaria ao máximo, para que ela pudesse dar perseguição aos defensores caso cedessem ou tentassem recuar.

Os reforços começavam a chegar às mãos de Stark, que agora estava realmente (e injustificadamente) otimista. Fredendall despachou para ele o 3º Batalhão do 39º Regimento de Infantaria (9ª Divisão), além de um contingente de *tank destroyers* que, como a Força Gore, pôs-se a caminho durante a noite.

Porém, as ações de infiltração realizadas pelos alemães estavam dando certo. Eles circundaram as posições da defesa e, a certa altura, capturaram uma companhia que defendia a estrada de Thala; noutro setor, os engenheiros não conseguiram resistir à pressão e fugiram; em outro, um posto de comando foi silenciado; em alguns lugares, as tropas estavam resistindo, enquanto em outros estavam recuando ou mesmo debandando. Invariavelmente, os desgarrados que passavam por posições organizadas declaravam ser os últimos sobreviventes de suas unidades e que o inimigo estava logo atrás. O pânico logo se espalhou pela linha e a situação tornou-se caótica.

Absolutamente ninguém sabia o que estava realmente acontecendo. Cogitou-se de um contra-ataque contra os alemães, mas não se sabia ao certo onde eles estavam. Apesar de tudo, o passo continuava em mãos aliadas.

Como resultado da sua decisão de cancelar o ataque a Sbiba e se concentrar no ataque através de Kasserine, Rommel agora aguardava a chegada da 10ª Divisão Panzer do *Generalmajor* Friedrich Freiherr von Broich.



Panzer IVG da 10ª Divisão Panzer, Tunísia, 1943.

Broich tinha ordens de avançar pelo passo na direção de Thala, no dia seguinte, 20/02/43, enquanto que Bülowius atacaria para Oeste, na direção de Tebessa e da cidade-guarnição romana de Haidra. Mas a 10ª Panzer foi de tal modo atrasada pelas péssimas condições do tempo e da estrada que apenas os seus elementos avançados chegaram à Sbeitla nessa noite. Foi nessa ocasião que Rommel soube que os tanques Tigre não haviam sido liberados por Arnim.

Ao romper o dia 20, sob a névoa densa da manhã, Bülowius iniciou um novo ataque com pesado bombardeio de artilharia, incluindo a estréia, na África, do novo lança-foguetes *Nebelwerfer*⁷ do 71º Regimento de Morteiros. As granadas caíram sobre as posições dos canhões americanos, criando sérias dificuldades para suas guarnições. O bombardeio prosseguiu até o meio da manhã. Duas horas depois, por volta do meio-dia, cerca de 200 homens em uniformes americanos caminharam para as fraldas do Djebel Chambi, indo na direção dos artilheiros. A cerca de 300 metros das posições americanas, eles pararam, montaram uma metralhadora e abriram fogo. Um artilheiro antigo, mas que ainda funcionava.

As metralhadoras americanas responderam ao fogo, mas os atacantes imediatamente partiram para o assalto. Os canhões AA de 40 mm perma-

neceram em posição até que os atacantes chegaram ao alcance do lançamento de granadas de mão. Então os canhões se retiraram sob a cobertura das metralhadoras .50.

Bülowius pretendia atravessar o passo pelo meio da manhã e atacar na direção de Tebessa e Thala. Depois de uma conferência com Rommel, ele recebeu ordens de bloquear a estrada de Tebessa, enquanto a 10ª Divisão Panzer passava através do Grupo de Assalto *Afrika Korps* e atacava na direção de Thala. Porém, ainda não havia espaço para a 10ª manobrar e, portanto, ela foi obrigada a esperar, ociosa, perto da aldeia de Kasserine.

Por volta do meio-dia, Rommel retornou a Kasserine. Irritado com a lentidão com que as coisas estavam se desenrolando, ele assumiu o comando pessoalmente e empenhou todas as forças de que dispunha, incluindo o Regimento de Granadeiros *Afrika* (288º), motociclistas e até unidades de bersaglieri. Ele então ordenou a Broich que procurasse avançar pela estrada de Thala imediatamente.

De fato, as defesas americanas haviam sido vencidas e iniciavam agora o penoso processo de retirada. Durante toda a tarde do dia 20/02/43, sob constante fogo inimigo, os defensores recuaram desordenadamente. Apenas os artilheiros franceses ficaram para trás – eles destruíram seus canhões e tentaram escapar a pé.

Às 17:00 h, o 8º Regimento Panzer conseguiu atravessar o Passo de Kasserine e formou uma cabeça-de-ponte do outro lado, visando rechaçar qualquer contra-ataque americano, o que não aconteceu.

A defesa do passo custara ao 19º Regimento de Engenharia 11 mortos, 28 feridos e 89 desaparecidos. Os alemães também capturaram grande quantidade de equipamento abandonado, incluindo 20 tanques e 30 meia-lagartas.



Meia-lagarta americano em uso pelos alemães. A Batalha de Kasserine deixou como saldo uma enorme quantidade de equipamento americano capturado pelo Eixo.

⁷ Rommel assistira a uma demonstração do *Nebelwerfer* algum tempo antes e ficara bastante impressionado com o seu desempenho, a ponto de querer receber tantos quantos pudesse.

Ao longo da estrada para Thala, a Força Gore, reforçada por infantaria americana e 5 *tank destroyers* do 805º Batalhão, se organizou no terreno para deter os alemães. Sua missão era ganhar tempo para que a infantaria ocupasse posições para a defesa de Thala. Contudo, os tanques do 2º *Lothians and Border Horse Yeomanry*, além do reduzido número, eram armados apenas com canhões de 6 libras. Isto significava que o alcance de seus tiros era muito curto, comparado aos canhões de 75 mm dos alemães. Assim, só poderiam atingir o inimigo se eles se aproximassem o suficiente para tal, o que, por sua vez, faria deles presas fáceis por causa de sua escassa blindagem. Além disso, a artilharia havia recuado e estava se preparando para apoiar os *Leicesters*, o que significava que ela estaria fora de alcance. Apesar de todas as desvantagens, os *Lothians* estavam bastante cômicos da gravidade da situação e se prepararam então para o sacrifício.

Já na primeira investida dos alemães, pela manhã, 6 dos tanques britânicos haviam sido destruídos. Pouco depois, os alemães começaram a se concentrar para novo ataque, com a clara intenção de exibir seu poderio antes de iniciar a ação, numa demonstração de guerra psicológica. Quando a névoa da manhã se dissipou, os britânicos puderam ver, como condenados testemunhando os atos preliminares de sua própria execução, todos os preparativos alemães para o assalto final: foram contados cerca de 30 tanques, 20 canhões autopropulsados e 35 meias-lagartas para transporte de infantaria.

Ao meio-dia, o ataque começou. No espaço de uma hora, os alemães já haviam vencido a resistência obstinada do primeiro grupo de defensores. Em duas horas, 15 tanques britânicos haviam sido incapacitados e os postos avançados, desalojados.

Mesmo assim, durante toda a tarde, a força britânica continuou retendo os alemães, num lento e obstinado combate em retirada. De tal forma a Força Gore foi bem sucedida em atrasar o avanço alemão que Rommel, que já havia criticado a falta de energia de Broich, perdeu a paciência e assumiu pessoalmente o comando do ataque.

Porém, Gore e seus homens continuaram firmes, suportando um tremendo castigo. Quando tiveram a chance de recuar, recusaram-na, mesmo depois que seu comandante foi ferido. Eles lutaram até a destruição de seu último tanque e a morte de seu comandante. Então, sim, nada mais podendo fazer, tiveram que se retirar.

No QG do 2º Corpo, não se tinha uma idéia clara da situação real. O novo posto de comando estava tão longe da linha de frente quanto os abrigos subterrâneos de Tebessa estavam de Sidi bou Zid. Ao receber as informações do ataque ale-

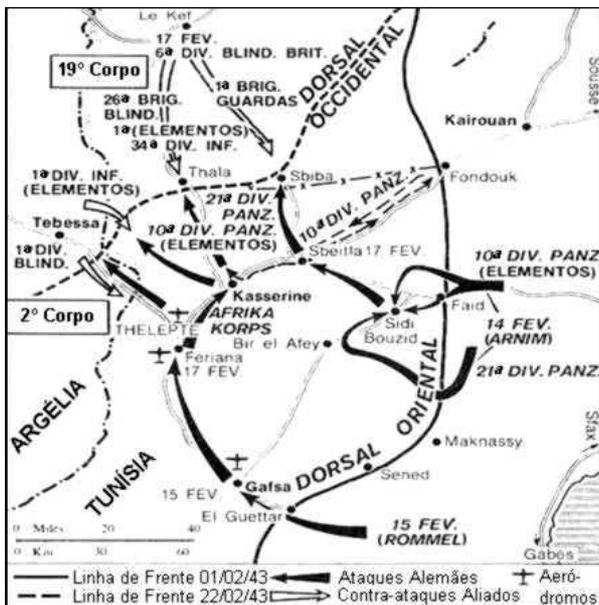
mão, Fredendall liberou algumas das suas últimas reservas, enviando-as para a bacia de Foussana. Assim, ele entrou em contato diretamente com o comandante do CCB, General-de-Brigada Paul M. Robinett, ignorando a hierarquia através do comando da 1ª Divisão Blindada. De fato, Fredendall conseguiu complicar uma situação já difícil, pois, ao transmitir as ordens a Robinett, referiu-se às suas tropas como “sua divisão”, levando Robinett a pensar que havia sido promovido ao comando da 1ª Blindada – confusão que o próprio Robinett tratou de desfazer.

O CCB deveria rumar para Thala, através de Haidra, deslocar-se para Sudeste e garantir o domínio das estradas em torno do Djebel el Hamra, que levavam a Tebessa e Haidra; deter o avanço dos alemães naquele setor, expulsá-los do vale e restaurar a posição aliada no passo de Kasserine. Não era só o comando do Eixo que dava ordens irrealizáveis.

Assim, mais um comandante foi agregado à cada vez mais confusa hierarquia daquele setor. Além disso, Fredendall, mal informado e distante dali, parecia esquecer que estava tecnicamente subordinado ao 1º Exército e que, portanto, não poderia tomar tais decisões sem, pelo menos, consultar Anderson. De sua parte, Anderson enviou o Brigadeiro Nicholson, subcomandante da 6ª Divisão Blindada, para assumir o controle de todas as forças aliadas a Noroeste do passo de Kasserine. Subindo ainda mais na escala hierárquica, Eisenhower estava tendo uma crise de confiança em Fredendall e resolveu enviar um “representante pessoal”, na figura do General-de-Divisão Ernest N. Harmon, comandante da 2ª Divisão Blindada, então no Marrocos. Possivelmente alheio a tudo isso, Alexander mandara uma mensagem a Montgomery pedindo-lhe para empenhar ali a maior atividade que pudesse para tentar atrair algumas das forças alemãs. Montgomery observara que não estava “administrativamente” pronto para qualquer ação em grande escala, mas reconhecia ser este o momento de correr certos riscos. Portanto, o comandante do 8º Exército planejou intensificar de imediato suas ações contra a Linha Mareth.

Nessa noite, Rommel tinha uma grande decisão a tomar: agora que atravessara o passo, para onde ele deveria ir? Ele ainda estava pensando em Tebessa, apesar das ordens do Comando Supremo de atacar na direção de Le Kef. Assim, Rommel enviou grupos de reconhecimento em ambas as direções para ver qual lhe seria mais favorável. Após cerca de 15 quilômetros pela estrada de Thala, os alemães encontraram a primeira linha de defesa do General Dunphie e retiraram-se depois de violento combate. Na estrada de Tebessa, os alemães deram de cara

com o CCB em Djebel Hamra. Os alemães se retiraram para fora do alcance e aguardaram. Ao receber os dois informes, Rommel decidiu aguardar até a manhã seguinte para continuar o ataque. O tempo ruim dos últimos dois dias parecia que iria melhorar, trazendo a esperança da Luftwaffe providenciar o reconhecimento das linhas aliadas e o bombardeio das posições da artilharia americana, que havia criado tantas dificuldades durante a última semana. A necessidade de realizar uma penetração era agora não só imprescindível, mas urgente. Naquela manhã, ele soubera que Montgomery estava hostilizando suas forças em Mareth.



Kasserine: desenvolvimento da batalha.

Djebel Hamra

Após receber os informes do reconhecimento aéreo, na manhã seguinte, Rommel mandou Broich avançar sobre Thala e Bülowius atacar na direção de Djebel Hamra. Deste modo, os dois grupos ficariam ao alcance um do outro e, se necessário, Bülowius teria condições de se dirigir para Thala e ajudar Broich.

Bülowius teve que esperar algum tempo para depois iniciar seu avanço para Djebel Hamra, até que as forças de Broich atravessassem o passo. Assim, somente na tarde de 21/02/43 é que ele pôde pôr-se a caminho.

Robinett, responsável pela defesa da área, tinha o 2º Batalhão do 13º Regimento Blindado (parte do CCB), Rangers americanos, infantaria britânica, tropas coloniais francesas e 11 baterias de canhões de campanha (cerca de 50 peças). Seus tanques foram cuidadosamente camuflados num wadi, deixando apenas os canhões acima do

nível das margens.

Às 14:00 h, Bülowius atacou. Cerca de 40 tanques, apoiados pelo 5º Batalhão Bersaglieri, partiram para o ataque, porém, foram logo detidos por uma maciça concentração de artilharia, enquanto canhões antitanques ocultos nas rochas atingiam os blindados pelos flancos. Diante do obstáculo, os alemães apelaram para seus Stukas, que causaram alguns danos, ao preço de dois aviões abatidos pelo fogo antiaéreo aliado. Apesar dos furiosos ataques da Luftwaffe, os Bofors e metralhadoras .50 continuavam a manter os atacantes à distância. Lamentavelmente, vários caças P-38 Lightning do 1º Grupo de Caças também foram atingidos, apesar de sua inconfundível silhueta de duas caudas.

Em seguida, tentaram novamente desalojar os teimosos defensores e, após uma hora de batalha, debaixo de chuva, foram obrigados a recuar. Após 4 horas de luta, os americanos destruíram vários tanques alemães sem ter uma única perda sequer.

Bülowius então deslocou seu ataque para Bou Chebka, quase 12 quilômetros ao Sul, defendido pelo 16º Regimento. Aqui, os alemães conseguiram chegar às posições dos canhões, onde capturaram alguns deles. Todavia, nessa mesma tarde, o 16º contra-atacou, recapturando 3 canhões AA Bofors que haviam sido abandonados pelo 105º Batalhão de Artilharia de Costa, assim como alguns obuseiros deixados para trás pelo 33º de Artilharia de Campanha.

A tentativa de tomar o passo de Djebel Hamra à noite foi derrotada e a pesada chuva retardou o subsequente ataque de infantaria. Usando uniformes franceses e americanos, os elementos de vanguarda alemães atacaram com êxito temporário. Mas o fogo concentrado da artilharia americana impediu os alemães de avançar com seus blindados e sua artilharia. O ataque alemão foi desbaratado e o CCB imediatamente lançou um contra-ataque. Por volta das 15:00 h de 22/02/43, a infantaria americana do 16º Regimento atingiu as posições inimigas e os alemães desengajaram e fugiram. Muitos foram capturados no tumulto que se seguiu, além de muitos veículos serem abandonados.

E ao anoitecer daquele dia, eram tropas do Eixo, e não aliadas, que se dirigiam para os campos de prisioneiros de guerra.

Bülowius havia fracassado.

Thala

Thala, um bastião nas montanhas, era a porta de acesso à retaguarda do 1º Exército britânico e, portanto, a sua perda faria desmoronar toda a posição aliada no Noroeste da África.

Entre o Passo de Kasserine e Thala havia três serras transversais. A principal linha de resistência situava-se ao longo da segunda destas, uns 15 quilômetros ao Norte do passo e a meio caminho entre o estreito e Thala. Portanto, os aliados teriam apenas mais uma linha para onde poderiam recuar, a terceira e última serra.

Nela, o 2º/5º Batalhão do *Leicestershire* (139ª Brigada da 46ª Divisão de Infantaria britânica) e a 86ª Companhia dos Reais Engenheiros de Guerra Química, equipada com morteiros de 4,2 polegadas, estavam tomando posição.

Por volta das 19:00 h de 21/02/43, os últimos remanescentes da “Força Stark” e 5 *tank destroyers* (tudo o que restava de uma força de 40 blindados) passou pelas linhas dos *Leicesters*. O último tanque a passar foi o do próprio Dunphie.

Então, ao anoitecer, outra coluna de tanques surgiu no horizonte. A princípio pensou-se que eram alemães, mas, quando se identificou o primeiro veículo como sendo um Valentine, concluiu-se que deviam pertencer a uma força que se retirava de outro lugar e foi permitido que eles passassem.

Quando o último dos veículos entrou na linha é que se descobriu que o Valentine da vanguarda nada mais era que um “Cavalo de Tróia”. Sua tripulação era alemã, assim como a de todos os outros veículos seguintes.



Valentine com marcas da 10ª Divisão Panzer.

Então, os *Leicesters* e os homens de Dunphie se recuperaram e revidaram com inaudita fúria. Na confusão, americanos e ingleses destruíram tanques amigos, enquanto se evidenciava a inutilidade dos canhões AT de 37 mm contra as grossas blindagens dos tanques alemães. No entanto, as duas forças foram obrigadas a recuar. A linha foi reorganizada, os desgarrados foram reunidos e, pela manhã, Thala ainda estava nas mãos dos aliados. Na sua investida, porém, a 10ª Divisão Panzer fizera 571 prisioneiros e destruíra 38 tanques e 28 peças de artilharia.

À meia-noite, McNabb reuniu-se em Thala com um grupo de generais; entre outros, estavam o

Brigadeiro Dunphie, o General-de-Brigada Robinnett e o Coronel Stark. McNabb decidiu manter-se na defensiva, aguardando o próximo ataque alemão, provavelmente contra Thala, e, depois de detê-lo, contra-atacar. Stark se encarregaria de reunir os desgarrados e despachá-los para reforçar os *Leicesters*. Quase toda a artilharia divisional da 9ª Divisão de Infantaria americana (3 batalhões, totalizando 48 canhões) havia realizado uma marcha forçada desde a Argélia Ocidental (uma viagem de quase 1.500 quilômetros) a partir de 17/02/43 e na noite de 21/02/43 entrou em posição em Thala.

Por fim, McNabb decidiu incumbir o 2º Corpo da coordenação de todas as atividades mais urgentes. Porém, no QG de Fredendall reinava uma atmosfera de desespero e desânimo. Era evidente que, nessas circunstâncias, não seria possível coordenar coisa alguma.

Naquela noite, em toda a linha aliada, havia um sombrio senso de propósito. Desgarrados estavam sendo reunidos e organizados em unidades improvisadas, recebendo armas e rações. O CCB estava tentando fechar a brecha na linha aliada. Na chuva e na lama, era difícil saber a localização das unidades, mas elas ainda pareciam formar uma força coerente.

No QG do 2º Corpo, o General Harmon, enviado especial de Eisenhower, logo ao chegar recebeu de presente, do próprio Fredendall, o seu comando! Esgotado pelas sucessivas crises, Fredendall “jogou a toalha” e agora cabia a Harmon deter os ataques alemães e recuperar o terreno perdido. Fredendall disse-lhe que provavelmente Thala cairia a qualquer momento. Pouco depois, o QG da 1ª Divisão Blindada informava que os britânicos haviam entregado alguns dos tanques Sherman com os quais sua divisão estava sendo reequipada, pois se percebia que ali a necessidade era maior. Ward queria que as tripulações se familiarizassem com os tanques antes de usá-los em combate, porém, Harmon ordenou que os tanques seguissem para Thala imediatamente. Eles pelo menos ajudariam a levantar o moral.

Em Thala, a artilharia da 9ª Divisão teve que tomar posição guiando-se pelo mapa, devido à escuridão. Dessa forma, 12 obuseiros de 155 mm, 24 obuseiros de 105 mm e 12 obuseiros de 75 mm foram embasados a apenas 1.000 metros da linha de frente e todos tinham consciência de que uma penetração alemã acarretaria a perda das peças. Ao amanhecer, porém, fizeram uma descoberta desconcertante: eles haviam instalado seus obuseiros numa posição abaixo da dos alemães, ficando assim expostos à constante vigilância inimiga.

Os *Leicesters*, após a noite de luta, estavam reduzidos a cerca de 100 homens e mais uns pou-

cos desgarrados que Stark encontrara. Dunphie possuía ainda cerca de 20 tanques e os únicos reforços consistiam de elementos do 2º *Hampshires* e do 16º/5º de Lanceiros, equipados com tanques Sherman.

Do lado alemão, a 10ª Panzer estava com seu efetivo reduzido, porque Arnim, em absoluta desobediência às ordens recebidas, manteve parte de seus elementos em seu poder, principalmente os tanques Tigre. Mesmo assim, os alemães estavam confiantes na vitória e preparavam-se para o ataque. Ao romper o dia 22/02/43, cerca de 50 tanques, 2.500 soldados de infantaria, 30 canhões e outras armas se concentravam para o assalto que decidiria a guerra na África.

Porém, a artilharia da 9ª Divisão abriu fogo, dando aos alemães uma surpresa das mais desagradáveis. Diante da nova ameaça, Broich concluiu que durante a noite os aliados haviam sido reforçados e agora estavam se preparando para contra-atacar. Ao saber disso, Rommel deu ordem para suspender o ataque até que ele mesmo verificasse o que estava acontecendo.



Artilheiros abrem fogo com um obuseiro de 105 mm. Canhões AA defenderam as suas posições contra ataques aéreos, permitindo que a artilharia de campanha desempenhasse um papel decisivo na batalha.

Então, os tanques britânicos remanescentes realizaram uma nova surtida, perdendo logo 5 deles. Isso deu a Broich a plena certeza da iminência de um grande contra-ataque e ele suspendeu o seu ataque. Assim, quase que por acaso, os aliados haviam debelado a ameaça – mas apenas temporariamente.

Quando chegou à frente de Thala, ainda naquela manhã, Rommel concordou com a avaliação de Broich, mas o instruiu para que atacasse naquela tarde se os aliados não contra-atacassem até o meio-dia.

Os comandantes aliados em Thala, perfeitamente

côncios da própria fraqueza, esperaram ansiosos pelo ataque o dia inteiro. A artilharia de campanha, sob constante ataque dos Stukas, manteve um fogo contínuo e preciso. Durante o dia, ela teve 7 homens mortos e 21 feridos. Os bombardeiros de mergulho também conseguiram destruir 4 obuseiros.

Foi então que um fator decisivo decidiu a sorte da batalha. Durante quase todo o tempo, as forças aéreas aliadas não haviam podido dar às tropas o apoio cerrado de que precisavam, em parte pela perda dos seus aeródromos avançados, e, principalmente, às más condições atmosféricas. Porém, pelo meio da manhã do dia 22, o céu limpou e, assim, a aviação aliada pôde, afinal, aplicar todo o seu peso na batalha. Os aviões táticos americanos estavam agora operando do único aeródromo disponível, em Youks-les-Bains.

Bombardeiros leves A-20 Havoc do 47º Grupo de Bombardeiros, escoltados por caças, realizaram 11 missões de ataque contra as forças alemãs rumando para Thala e Tebessa. Vários aviões tiveram danos nas asas, ao serem atingidas pelas antenas de rádio dos veículos alemães. Bombardeiros pesados B-17 Flying Fortress bombardearam o Passo de Kasserine, enquanto bombardeiros médios B-25 Mitchell atingiam outros alvos na retaguarda alemã. Caça-bombardeiros P-38 Lightning metralhavam as colunas inimigas, enquanto os Spitfires V, com insígnias americanas, desafiavam os Messerschmitts alemães. Aviões P-39 Airacobra do 154º Esquadrão de Observação também bombardearam e metralharam os movimentos do Eixo no Passo de Kasserine, destruindo 3 tanques. No fim do dia, os americanos haviam feito 304 surtidas, perdendo 4 bombardeiros e 7 caças.

Rommel finalmente chegara à conclusão de que suas forças eram insuficientes para deter o incessante fluxo de reforços aliados. Ele estava com pouca munição e combustível e tinha apenas 4 dias de rações. Assim, ele mandou Broich passar para a defensiva. Às 19:15 h de 22/02/43, o reconhecimento aéreo americano informou que o inimigo havia iniciado uma retirada geral.

A última cartada de Rommel fracassara.

Epílogo

Em Thala, com muita cautela, as patrulhas de reconhecimento aliadas começaram a procurar o inimigo, esperando dar de cara com ele na próxima esquina. Em Sbiba, Koeltz ordenou que se fizesse forte reconhecimento usando tanques e canhões. Ao longo de toda a linha, iniciou-se um avanço muito cuidadoso e em todos os pontos foi constatada a ausência do inimigo.

A 23/02/43, maciços ataques aéreos atingiram as

colunas de Rommel quando elas atravessavam o Passo de Kasserine.

Pelo anoitecer de 24/02/43, as unidades aliadas haviam retornado ao passo, e, à noite, reocupado Feriana. Pouco depois, atingiram Sbeitla e, em seguida, Sidi bou Zid. A 25/02/43, a linha aliada estava de volta ao ponto onde tudo começara.

As perdas estimadas para ambos os lados haviam sido de 10.000 baixas entre as forças aliadas (sendo 6.500 americanos) e 2.000 para o Eixo. Os aliados haviam perdido 183 tanques, contra 34 do inimigo.



Soldados do 2º Batalhão, 16º Regimento de Infantaria, marcham através do Passo de Kasserine.

Na Linha Mareth, o 8º Exército identificou elementos da 21ª Divisão Panzer. Rommel se voltara novamente para o velho inimigo.

Porém, o Eixo continuou pressionando para desbaratar a concentração de meios dos aliados e ganhar terreno. A 26/02/43, von Arnim atacou a frente britânica, mas a ofensiva falhou após duros combates. No Sul, Rommel, em sua última batalha na África do Norte, atacou o 8º Exército em Medenine, sendo fragorosamente rechaçado com pesadas baixas.

A 13/05/43, tudo terminou: a “cabeça-de-ponte permanente”, o *Afrika Korps*, a invencibilidade alemã e a união das potências do Eixo.

As perdas haviam sido catastróficas para o Eixo: quase 200.000 baixas em batalha e 275.000 prisioneiros de guerra (incluindo von Arnim e Messe), além de milhares de toneladas de equipamento e suprimentos. Além disso, escancarara-se a Europa Meridional à invasão aliada, o que foi fatal para o fascismo na Itália.

Conclusões

Se os americanos consideraram sua breve experiência de combate durante a “Operação Tocha” como uma preparação adequada para enfrentar as experientes e bem equipadas forças do Eixo,

Kasserine destruiu qualquer ilusão a respeito⁸.

A luta na Tunísia sublinhou as forças e fraquezas da coalizão ocidental. Uma das primeiras conclusões – e também uma das mais óbvias – era a necessidade da existência de um comando unificado, independente das nacionalidades envolvidas, numa estrutura organizada e definida. Um critério adotado – mas nem sempre respeitado – era que o país que contribuía com maior número de tropas também receberia o comando da operação. A partir daí, assentados nesse princípio, surgiram verdadeiros exércitos multinacionais, sem que problemas de comando, da gravidade observada na Tunísia, voltassem a se repetir.

A conduta das operações forçou a um total reexame da organização e estratégia aliadas. Os fracassos iniciais fizeram com que a campanha da Tunísia, imprevista e indesejada, durasse cinco meses, perturbando completamente o cronograma aliado. Por outro lado, permitiu aos aliados ganhar valiosa experiência contra os alemães, embora a alto preço, num teatro secundário.

Também evidenciou a necessidade de eliminação de comandantes que não eram capazes de atender às demandas da guerra moderna. Tal depuração já havia sido feita no Exército Britânico, em dois anos de guerra, mas o processo só se iniciaria agora no US Army. Assim, Fredendall foi substituído pelo legendário George Patton. Porém, mais importante que isso, foram as mudanças de doutrina. Aos comandantes foi dada mais liberdade para tomar decisões *in loco*, sem ter que pedir autorização para escalões superiores. Os comandantes também foram orientados a estabelecer seus postos de comando bem mais à frente.

Esforços foram feitos para melhorar a concentração de artilharia e apoio aéreo onde fossem necessários, o que havia sido muito difícil de coordenar anteriormente. Enquanto as práticas americanas de solicitação de fogo de artilharia melhoraram muito, o problema de coordenar o apoio aéreo não foi satisfatoriamente resolvido até a invasão da Normandia.

Maior ênfase foi dada à concentração das unidades. Aboliu-se a prática de destacar elementos de cada divisão para diferentes tarefas, como Fredendall costumava fazer, o que muitas vezes anulava o comando divisional. Os americanos então começaram a lutar como divisões, em unidades coesas, ao invés de espalhadas em pequenos grupos em missões muito distintas.

Militarmente, Kasserine exacerbou as diferenças entre os diferentes exércitos participantes. Enquanto os britânicos saíram da batalha se achando

⁸ As fáceis vitórias contra os mal equipados franceses durante a “Tocha” haviam criado uma meia dúzia de conceitos que se revelaram fatais contra os alemães.

do os “senhores da guerra”, os americanos ficaram com a má fama de incompetência e os franceses, de inoperância, embora em grande parte devido ao equipamento obsoleto. Devido a isso, o 2º Corpo americano teria agora uma missão de apoio ao esforço principal que seria realizado pelos britânicos na próxima fase da campanha. Mais tarde, na Sicília, o 7º Exército americano, de Patton, teria uma função secundária, enquanto o 8º Exército, de Montgomery, faria o esforço principal. De fato, os americanos só puderam ombrear em termos de prestígio militar, com seus aliados, após a ruptura na Normandia. Mas essa questão esbarrava em outra ainda mais crítica: enquanto os americanos estavam começando o processo de expansão de suas forças armadas, os britânicos estavam começando a “raspar o fundo do tacho” do seu potencial humano. E todo mundo sabia disso. Portanto, independente de qualquer outra consideração, era só uma questão de tempo para os americanos atingirem uma posição predominante na esfera aliada.

Estrategicamente, os aliados foram incapazes de prever a reação do Eixo, reforçando ao invés de abandonar o teatro da África. Devido a isso, entre outros fatores, eles foram lentos em concentrar as forças aéreas e navais para impedir o envio de suprimentos e reforços para a Tunísia. Apenas no último mês da campanha é que os aliados foram capazes de restringir o abastecimento do Eixo a menos que o mínimo necessário para continuar com operações ofensivas.

A decisão de Anderson de abandonar a região Sul da frente após a perda de Sidi Bou Zid baseou-se na crença de que o Eixo carecia de suprimentos para uma campanha longa. Não tendo como enfrentá-lo em condições de igualdade ao longo de toda a frente, a melhor decisão era recuar para uma linha mais curta e mais fácil de defender, onde ele poderia concentrar seus meios e contar com uma linha de suprimentos mais curta, enquanto esticava a do inimigo. Seria necessário defender ligeiramente pontos estratégicos, desgastando e atrasando o inimigo, até que ele pudesse ser finalmente detido numa linha de defesa principal, convenientemente aparelhada para isso.

Era uma decisão mais que acertada e a única estratégia viável no momento, embora, a curto prazo, houvesse grandes riscos nela. Contudo, os efetivos aliados cresciam sem cessar; mais cedo ou mais tarde, Montgomery atacaria em Mareth e então o esforço do Eixo seria dividido; e esperava-se que as condições meteorológicas melhorassem logo, quando, então, os aliados poderiam contar com seu poderio aéreo, cada dia mais forte, e estariam prontos para iniciar a sua própria ofensiva.

Quanto ao equipamento, Kasserine demonstrou que os aliados, de uma maneira geral, estavam muito atrás dos alemães em praticamente todos os elementos essenciais da moderna guerra mecanizada. O tanque padrão dos americanos, o M3 Lee, era mal blindado, tinha uma silhueta alta e montava um canhão de 75 mm fixo, na lateral, enquanto a sua pequena torre era artilhada com um inútil canhão de 37 mm. Além disso, era difícil de operar em combate. O M3 (assim como seu sucessor, o M4) também se incendiava facilmente quando atingido. Em abril de 1943, o M3 Lee foi retirado de serviço de 1ª linha e foi declarado obsoleto em 1944.



Um tanque M3 Lee incendiado, que teve a blindagem penetrada em pelo menos três pontos.

Os americanos tinham um zelo excessivo pelos tanques leves, nesse caso, o M3 Stuart, que se revelou uma peça quase inútil quando enfrentando os panzers alemães.



Tanque Leve M3 Stuart. Totalmente incapaz de sustentar combate contra os blindados alemães.

Não que os ingleses estivessem em situação muito melhor. Com tanques armados com canhões de, no máximo, 6 libras (57 mm), eles nunca puderam enfrentar em condições de igualdade os Panzer IV de canhão de 75 mm de cano longo. Demoraria ainda algum tempo até que houvesse

no teatro de operações o número necessário de Shermans para reequipar as unidades blindadas aliadas. Porém, mesmo esse era muito inferior ao Tigre – e ao Pantera, que os aliados viriam a encontrar na Normandia.

O canhão AT padrão dos alemães na época ainda era o Pak 38 de 50 mm, mas já estava sendo substituído pelo Pak 40 de 75 mm. Além disso, os alemães haviam transformado o canhão antiaéreo de 88 mm num mortífero destruidor de tanques. Os aliados não tinham nada disso. O canhão AT padrão americano era o M3 de 37 mm – simplesmente patético. Os britânicos contavam com o eficiente canhão AT de 57 mm, mas ele não era capaz de incapacitar o Tigre. Em vista disso, os ingleses enviaram às pressas para a África o novo canhão AT de 17 libras, o único no arsenal aliado que tinha alguma chance de enfrentar o blindado alemão.

Entre os caça-tanques, os alemães tinham os seus *Marders*, com canhões de 75 e 76,2 mm. Os americanos começaram a campanha com canhões de 37 mm montados em caminhões leves e canhões de 75 mm canhestamente montados em meia-lagartas. A necessidade de veículos especializados era tão óbvia quanto a urgência de rever toda a filosofia de emprego dos *tank destroyers*, pois a mítica imagem de uma falange desses veículos avançando contra uma horda de tanques dos hunos para destruí-los revelou-se absurda e quase criminosa. Já os ingleses não tinham nada parecido.

A única arma terrestre em que os aliados podiam ombrear com seus adversários era a artilharia – o que acabou revelando-se decisivo. Como em toda batalha primordialmente móvel, a artilharia pesada teve pouca atuação, ficando a cargo da artilharia de campanha o peso do combate. E, após Kasserine, os americanos decidiram retirar os obuseiros de 75 mm da artilharia divisional, embora ele continuasse sendo usado por forças ligeiras, como os pára-quedistas. Todavia, os aliados não tinham nada comparável ao *Nebelwerfer*.

Outro importante fator foi o treinamento: os soldados americanos na África do Norte haviam recebido pouco treinamento moderno antes de embarcarem nos EUA e muitas vezes utilizando conceitos que se revelaram desastrosos na hora do combate. E eles enfrentaram tropas bem treinadas, experientes, utilizando o equipamento mais moderno do mundo e empregando táticas inovadoras.

Além de tudo isso, os alemães tinham total controle do ar sobre o campo de batalha no início da ação.

Apesar de todas essas desvantagens, os americanos lutaram com toda a coragem e habilidade

de que são capazes. Suas baixas foram assombrosas: algumas unidades foram completamente aniquiladas (algumas entraram em colapso, enquanto outras lutaram bravamente até quase o extermínio). E ainda conseguiram obter vitórias locais, roubar tempo dos alemães (que lutavam de olho no calendário) e ainda causar baixas que os comandantes do Eixo não esperavam sofrer. O próprio Rommel prestou tributo à coragem que eles demonstraram. Além disso, os erros cometidos pelos americanos não foram piores que os cometidos pelos ingleses nos primeiros anos da guerra.

E por fim, quando a batalha terminou, o US Army estava ainda no controle do campo de batalha. Portanto, chamar Kasserine de derrota americana é, no máximo, uma meia verdade. Em condições similares, outros exércitos não tiveram um desempenho tão positivo.

No lado do Eixo, Kasserine teria sido a última vitória de Rommel. A primeira pergunta é a mais óbvia: que vitória?

Inicialmente, a ofensiva alemã que deu origem à Batalha de Kasserine teve sua origem em Túnis, no QG do 5º Exército Panzer. Foi Arnim quem concebeu o ataque a Sidi Bou Zid e Ziegler quem o executou, magistralmente. Rommel nada teve a ver com isso, embora fossem realizadas reuniões prévias entre eles. A Rommel coube conquistar Gafsa, que foi simplesmente ocupada. Apenas quando as operações *Frühlingswind* e *Morgenluft* foram encerradas é que Rommel efetivamente assumiu o comando das ações.

Rommel tinha certamente o que os alemães chamam de *fingerspitzengefühl* (a sensação na ponta dos dedos). A vitória de Arnim parecia oferecer a oportunidade para um golpe de audácia que poderia causar um grande estrago à causa aliada a um preço aceitável. Mas, para isso, ele tinha que contar com a totalidade dos meios disponíveis, coisa que ele nunca teve, apesar do apoio de Kesselring e das ordens do Comando Supremo. Assim, da mesma forma que a falta de um comando unificado adequado havia prejudicado as ações dos aliados, o mesmo se deu no lado do Eixo. Nunca se saberá ao certo porque não foi definido desde logo um comando único do Eixo na África do Norte – fosse ou não Rommel. Ao invés disso, dois homens que não tinham qualquer afinidade e, além disso, tinham objetivos pessoais e estratégicos totalmente divergentes tinham que “colaborar” para que uma batalha pudesse ser vencida – como se vencer uma batalha fosse uma questão pessoal. Aliás, Rommel sequer tinha um posto definido no início da batalha, pois, até 19/02/43, ele estava na África baseado exclusivamente no seu prestígio pessoal, já que, oficialmente, o general italiano Giovanni

Messe o havia substituído no comando do Exército Panzer Ítalo-Germânico.

Enfim, Rommel lançou uma cartada ousada sem ter em mãos os meios necessários e sem ter certeza da situação do inimigo. Também deveria estar cômico da sua própria situação logística, que não era das mais confortáveis. Pode-se argumentar que nada disso era novidade para ele – que fizera sua legenda em condições ainda piores nos dois anos precedentes – mas não é porque você tira “6” jogando um dado que irá cair “6” sempre que você jogar.

Arnim duvidava que se pudesse dispor dos homens e suprimentos necessários para realizar grandes operações na Tunísia, além de ver no terreno montanhoso em que teriam de atuar um obstáculo formidável e que acarretaria em linhas de comunicação extensas e vulneráveis. Acima de tudo, Arnim encarava sua missão em termos de manter uma cabeça-de-ponte acima de tudo – exatamente como Lucas faria em Ânzio um ano depois.

Ele era um general da frente russa e tinha total consciência da sangria que estava acontecendo por lá. Portanto, ele pensava, forçosamente, em termos de poupar seus recursos. Rommel, que nunca estivera no front russo, disse tinha apenas uma idéia muito vaga.

Dessa forma, a visão de Arnim, por mais que nos inclinemos a ver nele o vilão da estória, era muito mais sensata. O fato de ele ter se recusado a obedecer ordens é totalmente absurdo, mas ele certamente estava pensando em termos de impedir que um aventureiro carreirista consumisse suas valiosas tropas.

No final das contas, o que Rommel tentou fazer foi transformar uma brilhante vitória tática (de Arnim e Ziegler) numa grande vitória estratégica (dele). Se tivesse conseguido – supondo que suas forças não acabassem cercadas pelas forças superiores que se estavam avolumando contra elas – teria prejudicado muito a concentração aliada. E só. Afinal, os alemães não queriam nada na África e os objetivos que os aliados pretendiam ali (abrir uma frente americana contra a Alemanha em 1942 e trazer os franceses de volta à causa aliada) já haviam sido alcançados. Os americanos só pensavam em termos da operação de travessia do Canal da Mancha e os britânicos só pensavam nos Bálcãs. A verdadeira guerra contra a Alemanha estava sendo travada bem longe dali, nas estepes russas. Era ali que o potencial humano alemão estava sendo consumido. Portanto, cada homem, tanque, canhão ou avião enviado para a África era, implicitamente, um ganho aliado, no âmbito da grande estratégia.

Rommel não conseguiu romper a frente aliada, embora parecesse muito provável que isso aconte-

teceria em Thala. Porém, não se trata de perguntar por que ele não conseguiu – a verdadeira pergunta é: por que ele nem tentou?

Podemos conjecturar várias hipóteses. Em primeiro lugar, é evidente que ele tirara as conclusões inevitáveis entre sua própria situação logística e a dos aliados. Ele acabara de sentir o gosto amargo da supremacia material dos aliados em El Alamein e agora estava sentindo o mesmo gosto na Tunísia. Não importava quantos tanques fossem destruídos, havia sempre mais. Não importa quantos homens, canhões e armas fossem perdidos, havia sempre reposição para eles. Enquanto isso, cada baixa sua era praticamente insubstituível. Cada vitória enfraquecia suas forças sem impedir que os aliados reforçassem a posição seguinte. E enquanto os alemães negavam tanques entre si, americanos, ingleses e franceses liberavam blindados e outros recursos, uns para os outros, como se trocassem cartões de visita.

Em segundo lugar, seus pares, ao que parece, não agiram da maneira que ele esperava: o Alto Comando, com suas ordens ambíguas, havia atrapalhado mais que ajudado; Arnim havia obstruído a operação o máximo que pôde; Broich, Hildebrandt e Büllowius não haviam agido com a energia que ele achava necessária. Para um homem de ação como Rommel, tudo isso deve ter tido a mesma impressão que nadar em melado.

Em terceiro lugar, ele estava doente. Duas semanas antes, seu médico advertiu-o dos riscos de adiar um tratamento adequado com internação hospitalar. Como a maioria dos homens que sempre foram saudáveis, Rommel considerava a doença apenas um inconveniente negligenciável. Porém, ela certamente minou sua vontade e determinação, afetando possivelmente a sua capacidade de raciocinar.

Em quarto, ele estava ficando farto dos conflitos e intrigas que via ao seu redor. Como a maioria dos homens que atingem níveis de prestígio estratosféricos, ele certamente adquiriu a tendência de achar que tinha sempre razão – e que os “pobres mortais inferiores” pretendiam apenas prejudicá-lo. Mas havia algo ainda pior: ele já começara a se desencantar com o nazismo. Após a derrota em El Alamein, ele viajou para a Alemanha para ser admoestado numa encenação no estilo “policia bom e policia mau”, interpretada, respectivamente, por Hitler e Goering. Em seguida, ele viu despejarem-se na Tunísia montanhas de material e milhares de homens, que ele implorara desesperadamente meses antes, enquanto esteve com o Canal de Suez ao seu alcance. Tudo isso certamente deve ter lhe dado a sensação de que talvez não estivesse defendendo a causa certa naquela guerra.

Certamente como consequência de um ou de

vários desses fatores, Rommel cancelou a ofensiva e se retirou para a Linha Mareth. A 23/02/43, foi nomeado comandante supremo na África do Norte. Tarde demais. Rommel havia perdido o interesse numa campanha que agora não ofereceria mais oportunidades para golpes ousados ou mesmo para a manutenção da iniciativa. A guerra de material, que ele sabia que não poderia vencer, seria imposta a ele pelos aliados. A destruição da cabeça-de-ponte seria apenas uma questão de tempo. Rommel deixou a África, pela última vez, a 06/03/43, deixando para Arnim a missão de comandar as condenadas forças do Eixo na Tunísia.

Concluindo, Rommel expulsou os aliados de Kasserine e de outros pontos, impondo-lhes pesadas baixas, é verdade, porém, poucos dias depois, devolveu tudo de mão beijada para eles, sem conseguir nenhum resultado estratégico significativo. Analisando a batalha como um todo, não se pode realmente considerar Kasserine como uma vitória alemã e, muito menos, de Rommel.

Se tudo não passasse de um jogo, poderíamos dizer que foi um empate.

Mas não era um jogo.